

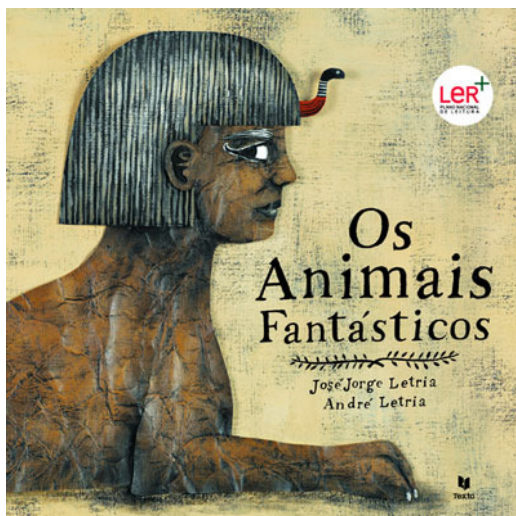
# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2011

*OS ANIMAIS FANTÁSTICOS*  
**O IMAGINÁRIO CLÁSSICO NA POESIA PARA CRIANÇAS**  
**DE JOSÉ JORGE LETRIA\***



A literatura para a infância em Portugal conhece os seus primórdios no final do século XIX com as obras de Guerra Junqueiro (*Contos para a Infância, Tragédia Infantil*, 1877), Adolfo Coelho (*Contos Nacionais para Crianças*, 1882; *Jogos e Rimas Infantis*, 1883), Antero de Quental (*Tesouro Poético da Infância*, 1883), Maria Amália Vaz de Carvalho (*Contos para os*

---

\* Este trabalho corresponde, com ligeiras alterações, à leitura apresentada na sessão “Poesia grega, passado e presente”, realizada no Instituto de Estudos Clássicos em 15 de Abril de 2011, integrada no ciclo *Opera in fieri*, promovido pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. À nossa colega Doutora Paula Barata Dias agradecemos o convite para participarmos neste encontro científico. Devemos igualmente uma palavra de reconhecida gratidão à Dra. Teresa Carvalho, que acompanhou de muito perto a redacção deste texto.

---

*Nossos Filhos*, 1886), João de Deus (*Campo de Flores*, 1893), Virgínia de Castro e Almeida (*A Fada Tentadora*, 1895) e Ana de Castro Osório (*Para as Crianças*, 1897-1935).

Esther de Lemos (1985: 468-469), no verbete que dedicou à literatura infantil no *Dicionário de Literatura*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho, não deixou de mencionar a preocupação destes autores em criarem um tipo de literatura especialmente vocacionado para um público mais jovem, mas destacou igualmente o contributo pioneiro de Eça de Queirós, por revelar uma percepção mais moderna sobre esta matéria, expressa no texto “Literatura de Natal” de *Cartas de Inglaterra*: “Eça mostrou o lado verdadeiramente literário e artístico da literatura infantil. Tratava-se, com efeito, de criar para a mentalidade, para a sensibilidade das crianças, um alimento especial, em que colaborassem as artes gráficas, o desenho, a cor; em que a capacidade de apreensão da criança fosse atendida, em que se olhasse à importante questão da diferenciação de assuntos conforme as idades.”<sup>1</sup>

As reflexões do escritor eram essencialmente motivadas pelo facto de não existir em Portugal o que já era comum noutros países europeus: “Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e génios – em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a soletrar, possui logo os seus livros especiais: são obras adoráveis, que não contêm mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme, e de um raro gosto de edição. Ordinariamente o assunto é uma história, em seis ou sete frases, e decerto menos complicada e dramática que *O Conde de Monte Cristo* ou *Nana*; mas, enfim, tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral, e a sua catástrofe. (...) Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura. Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portugueses, só começamos a ser idiotas – quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de génio: e estou certo que se

---

<sup>1</sup> Para uma análise dos objectivos e das estratégias dos autores que, entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, contribuem para o desenvolvimento da literatura para a infância em Portugal e no Brasil, vide Alves 2008.

---

existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar só países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.”<sup>2</sup>

Temos de reconhecer, infelizmente, que desde o tempo de Eça o nível intelectual dos portugueses não evoluiu tanto quanto seria desejável – nem sequer se descobriu remédio para a idiotice de alguns adultos! –, mas o mundo das letras para a infância e juventude tornou-se a pouco e pouco muito mais rico e interessante. Vale a pena recordar que entre os escritores que incluíram na sua arte a poesia para crianças figuram alguns dos nomes que já foram citados acima, bem como Afonso Lopes Vieira, Jaime Cortesão, Sidónio Muralha e Matilde Rosa Araújo. Dos mais recentes, destaque-se o trabalho poético de Mário Castrim, Maria Alberta Menéres, Maria Rosa Colaço, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Manuel António Pina, José Viale Moutinho, Virgílio Alberto Vieira, José Fanha, António Mota, entre muitos outros. Nesta galeria singular se integra o autor de *Os Animais Fantásticos*.

Nascido em Cascais, em 1951, José Jorge Letria tem desenvolvido numerosas actividades – como cantor de intervenção, jornalista, escritor, vereador da Cultura e, actualmente, presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores – e esta diversidade de interesses reflecte-se igualmente na produção literária, que compreende poesia, narrativa, teatro, biografia, ensaio e investigação histórica, além de um elenco vasto de títulos para crianças e jovens. Compilar a lista de todas as obras que já publicou, desde o início dos anos 70, revela-se um verdadeiro desafio. A qualidade da sua escrita, designadamente para crianças e jovens, tem sido reconhecida pela crítica e concretizou-se na atribuição de vários prémios, como o *Prémio Calouste Gulbenkian de Livros para Crianças*, de 1992, pelo livro *Pelo fio de um sonho*. A importância do imaginário clássico na sua obra pode ser confirmada, por exemplo, pelo livro de poesia *Os Lugares Cativos*, publicado em 2009 com prefácio de Maria do Céu Fialho, na colecção Fluir Perene, de José Ribeiro Ferreira. Da bibliografia passiva sobre o autor destacamos a colectânea *Fragmentos de um fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria*, de Teresa Carvalho e Carlos Martins de Jesus, publicada no

---

<sup>2</sup> As *Cartas de Inglaterra*, publicadas postumamente em 1905, foram enviadas à *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro entre os anos de 1880-1882 (Barreto 2002: 302). Os excertos citados correspondem, na edição de Helena Cidade Moura (Lisboa: Livros do Brasil), às pp. 51 e 53.

---

mesmo ano pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Não sabemos se André Letria herdou do pai o talento para a escrita, mas é certo que as suas ilustrações há muito são sinónimo de criatividade, humor, colorido e cumplicidade com o pequeno leitor. Por isso, desde as primeiras colaborações a qualidade do seu trabalho foi devidamente reconhecida. Destacamos apenas a atribuição do importante *Prémio Nacional de Ilustração IPLB/IBBY 1999*, pelo livro *Versos de fazer ó-ó*, de José Jorge Letria (cf. Modesto 2000).

A edição portuguesa mais recente de *Os Animais Fantásticos*, a terceira, deve-se à Texto Editores, e saiu em Janeiro deste ano com o selo do Plano Nacional de Leitura. O texto e as ilustrações datam de 2004 e a obra foi publicada no Brasil em 2008 com o apoio da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas do Ministério da Cultura de Portugal.

Da capa à contra-capas, as ilustrações de André Letria e a qualidade da impressão gráfica despertam a atenção de qualquer leitor, seduzido imediatamente pelo olhar vivo e cativante da Esfinge. Em trinta e oito páginas, por ordem alfabética, José Jorge Letria apresenta, em linguagem e ritmo adequados aos mais jovens, dezanove animais fantásticos, ou seja, seres que nasceram da fantasia, da infinita capacidade de imaginar, que é uma das qualidades mais distintas do homem, ou que, sendo reais, são dignos de figurar nesta galeria lendária pelo legado simbólico que adquiriram.

Não creio que o público adulto conheça bem cada uma das figuras que o poeta nos dá a conhecer, pelo que desde já fica exposto que este livro se destina a todas as idades, como qualquer obra de literatura para crianças. Como já foi dito, ao longo da vida, José Jorge Letria tem combinado a escrita ficcional com o gosto pela investigação histórica, mitológica e literária. Esta característica sobressai em todas as páginas deste livro. Os animais fantásticos que o poeta seleccionou provêm do imaginário clássico – o Basilisco, Bucéfalo, o Centauro, Cérbero, o Ciclope, o Fauno, a Hidra, o Minotauro, Pégaso –, ou estão presentes em vários povos (como a Esfinge, o Dragão, a Fénix, o Grifo, o Lobisomem, o Ogre, a Salamandra, a Sereia, a Serpente Marinha e o Unicórnio), mas todos eles se tornaram património da cultura europeia, erudita ou popular, e transportam consigo as muitas simbologias que, no decurso do tempo, se foram inscrevendo na sua caracterização.

A composição do álbum é muito clara: a cada ser fantástico são dedicadas duas páginas, nas quais poema e ilustração se dispõem de forma equilibrada. Como tem sido notado, a paleta de cores de André Letria distingue-se pela variedade e, entre muitos outros pormenores originais, vale a pena destacar a expressividade dos olhos que deu a cada figura, quase todas retratadas de perfil, como era convenção da pintura egípcia e também da grega da Época Arcaica. O olho do Ciclope surge naturalmente em relevo, sendo o que mais importa na sua identificação, enquanto o Ogre não mostra metade do rosto, porque, como escreve o poeta, pela voz do próprio monstro, “Quem pronuncia o meu nome/ há-de ter grande coragem/ para imaginar ao certo/ como é a minha imagem.”



O Minotauro, por André Letria

[http://andreletria.blogspot.com/2010\\_06\\_01\\_archive.html](http://andreletria.blogspot.com/2010_06_01_archive.html) (acesso: 29/04/2011)

Por este pequeno exemplo se vê que, à excepção do caso da Esfinge e da Fénix, cada poema é um auto-retrato, o que confere grande vivacidade ao texto e motiva muito mais o interesse da criança, que é convidada a descobrir estes seres e a imaginar o seu aspecto. Fala assim o Grifo: “Vou à memória dos tempos/ e vejo-me retratado/ com uma cabeça de águia/ e um corpo musculado./ O corpo é de um leão/ e no dorso tenho asas/ que me permitem voar/ sobre os campos e as casas./ Nas minhas quatro patas/ tenho garras aguçadas/ para rasgar os panos/ das mais negras madrugadas.”

O apelo à imaginação e à capacidade de sonhar da criança é um dos desígnios manifestos do poeta. Confessa o Fauno: “Dos muitos poderes que

tenho/ disseram que a sedução/ é de longe o mais perigoso/ porque envolve o coração./ Mas o único lugar/ onde exerço a sedução/ é nas páginas fantásticas/ da vossa imaginação.” E a Fénix declara: “A minha paixão é a vida./ a minha pressa é o tempo/ que ainda tenho para voar./ Voem comigo até onde/ forem capazes de sonhar.”

No entanto, como foi dito acima, destas páginas não está ausente a erudição e o poeta não só tem o cuidado de indicar as fontes em que se baseiam estes retratos, como dá eco das incertezas e diversidade da tradição mitológica e literária, sublinhando o mistério, a estranheza e as dúvidas sobre a existência real das figuras apresentadas. Assim, o Basilisco adverte: “Se sou ave e sou serpente,/ com espinhos e patas de galo,/ talvez saibam de que bicho/ é que afinal eu vos falo,/ tão quieto e inofensivo/ que até há quem pergunte/ se eu ainda estarei vivo./ Tenho uma casa de névoa/ do outro lado do dia;/ se quiserem dar-lhe nome/ chamem-lhe mitologia.”



A Serpente Marinha, por André Letria

[http://andreletria.blogspot.com/2010\\_06\\_01\\_archive.html](http://andreletria.blogspot.com/2010_06_01_archive.html) (acesso: 29/04/2011)

O mesmo poema já havia notado que o Basilisco é descrito num “livro muito antigo” e o seu aspecto é mostrado em “gravuras”. Da “mitologia”, dos “mitos (...) da Grécia antiga” ou “da velha Grécia” vêm certamente o Centauro Quíron, o cão Cérbero e o Minotauro, entre muitos outros seres fantásticos. Do Ciclope falam “as páginas da Odisseia” e recorda-se que Polifemo “está num mosaico romano” a receber o vinho trácio das mãos de Ulisses. O Dragão vem “das fábulas” e tem “lugar cativo/ nas histórias

encantadas”. O Fauno habita “nas pinturas mais antigas” e “nos contos da literatura”. O Ogre, porém, nem sequer mora “nos livros de zoologia”, mas “Hesíodo, o escritor,/ no livro Teogonia” ao veloz cavalo Pégaso deu “lugar de vulto/ dentro da mitologia”. Sobre a Salamandra escreveu o “médico Paracelso/ senhor de grande ciência”. Da Sereia falam “os cronistas do mar/ e também os navegadores” e até “Colombo no seu diário”. E a Serpente Marinha faz saber: “Estou em telas, em gravuras,/ nas visões dos adivinhos,/ nas histórias de naufrágios/ contadas pelos caminhos./ Mas se existi ao certo/ não me devem perguntar,/ pois é à sombra do mistério/ que eu quero continuar.” Lugar à parte ocupa nesta galeria de animais fantásticos, por ter de facto existido, Bucéfalo, o célebre cavalo de Alexandre da Macedónia, aqui incluído pela fama que alcançou desde a Antiguidade.



O LobisOMEM, por André Letria

[http://andreletria.blogspot.com/2010\\_06\\_01\\_archive.html](http://andreletria.blogspot.com/2010_06_01_archive.html) (acesso: 29/04/2011)

As figuras retratadas nesta obra são, em boa parte, seres monstruosos, temidos pelo seu poder, mas isso não significa que estejam inteiramente desprovidos de algum aspecto positivo. O Centauro que toma a palavra é o bravo Quíron, porque os centauros maus, se os houve, faz saber, “acho bem que os esqueçamos,/ pois os centauros verdadeiros/ estão no mundo que sonhamos.” Já o cão Cérbero, pelo modo como fala, suscita a compaixão: “De mim nada mais digo/ que o mundo a que pertencço/ é de treva e não de luz,/ é exíguo e não imenso./ Neste livro de animais,/ uns fantásticos, outros não,/ não há lugar para mim/ nem para a minha solidão.” O Ciclope, porém, declara convicto: “De mim podem dizer tudo,/ verdades e mesmo tolices/



que de toda a fantasia/ há uma certeza que me resta:/ a de ter nascido possante,/ com um olho no meio da testa./ Dizem ainda os poetas antigos/ que eu e os meus irmãos/ erguemos as muralhas de Micenas/ só com a força das nossas mãos.” O Lobisomem confessa com tristeza: “Ao certo, nem sei bem se existo,/ e mesmo com um espelho à frente/ volto o dorso e não insisto,/ pois se pudesse escolher/ seria outra coisa que não isto.” O Ogre, a quem também chamam Papão de crianças, protesta: “Mas como estão enganados/ nessa sua descrição!/ Eu não faço mal a ninguém,/ pois não passo de uma ilusão.”

Vale a pena também referir que o tom humorístico não está ausente, por exemplo, da apresentação do Centauro: “Estou cansado das metades/ em que me querem dividir;/ quem é homem e cavalo/ não tem patas a medir.” Em termos semelhantes toma a palavra o Fauno: “Eu tenho duas metades/ – uma de homem, outra de cabra – / o que sendo bem somado/ dá uma mistura macabra.”

Dos passos que fomos citando depreende-se claramente que se o vocabulário é bastante simples e acessível, sem nunca se tornar monótono, o texto de José Jorge Letria, como é próprio da sua arte, faz uso a todo o momento de recursos expressivos e estilísticos, dos quais sobressai a pergunta retórica, pela qual se interpela o jovem leitor, e, em especial, a metáfora. Um dos aspectos mais interessantes deste livro reside precisamente na forma sábia como se combinam os dados da tradição com a criação poética para, no fundo, se dar a conhecer a riqueza de interpretações que cada um destes seres fantásticos tem suscitado, o que explica o fascínio perene que continuam a exercer na imaginação de poetas e artistas. Trata-se, mais uma vez, de mostrar o poder que têm os mitos antigos de resistir à passagem do tempo, uma ideia que se condensa no poema sobre a Esfinge, com o qual terminamos esta leitura de *Os Animais fantásticos*.

### **A Esfinge**

A Esfinge está agachada  
para perguntar a quem passa  
se o amanhã que nos espera  
será de fortuna ou desgraça,  
e se o seu corpo é de leão,  
a cabeça é de faraó,  
erguendo-se misteriosa

numa nuvem de areia e pó.  
O tempo passou por ela,  
mas ela nunca passou,  
animal e também homem  
em que o mistério ancorou.  
É a Esfinge do Egito  
de Akhenaton e Ramsés,  
com sede de ser eterna,  
mantendo o mundo a seus pés.  
E se a Esfinge me fizer  
uma pergunta inesperada,  
eu, pensando no que ela sabe,  
respondo que não sei nada.  
A Esfinge dorme quieta  
na cama que o tempo lhe deu  
e talvez um dia me conte  
tudo aquilo que aconteceu  
antes de eu ter nascido,  
quando o mundo era um lugar  
onde a magia acontecia  
na mesa branca do luar.

### Referências

- ALVES, Maria Angélica (2008), “A infância, a leitura e o leitor, em Portugal e no Brasil (1880-1920)”. Originalmente para: 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais (Braga, Instituto de Estudos da Criança, 2 a 4 de Fevereiro 2008), disponível em:  
[http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_angelica\\_alves\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_angelica_alves_a.pdf) (consultado em 29/04/2011).
- BARRETO, Garcia (2002), *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain (1982), *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont/Jupiter.
- LE MOS, Esther de (1985, 3ª ed.), “Infantil, Literatura”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*. Vol. 2: F/M. Porto: Figueirinhas, 468-474.

- LETRIA, José Jorge e LETRIA, André (2011, 3ª ed.), *Os Animais Fantásticos*. Alfragide: Texto Editores/Grupo Leya.
- MODESTO, António (Nov. 2000), “À conversa com André Letria”, *Malasartes* 4: 7-13.
- PEDRO, Maria do Sameiro (Jun. 2003), “Apontamentos para um panorama da poesia para a infância em Portugal”, *Malasartes* 11: 7-17.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA